

“A crise impeliu alguns exageros de regulação que devem ser repensados”

APB Para Faria de Oliveira, os resultados de Portugal nos testes de stress são um “elemento tranquilizador” e sublinha que a banca é a primeira interessada em que casos como o BES não se repitam.

Tiago Freire
tiago.freire@economico.pt

No rescaldo do exame do BCE à banca europeia, o presidente da APB comenta, em respostas enviadas por escrito, os resultados obtidos pelos bancos portugueses – CGD, BCP e BPI – e a sua relação com os danos que o recente caso BES causou na imagem da banca em Portugal.

O cenário mais adverso é quase apocalíptico. Faz sentido estar a dizer, na praça pública, que certos bancos “chumbaram os testes” num cenário que é de todo improvável?

O Exercício de Avaliação Completa tem duas componentes: uma, a Avaliação da Qualidade dos Activos (AQR), é uma prova objectiva que avalia, num determinado momento do tempo, a exactidão dos montantes escriturados dos activos dos bancos, em 31 de Dezembro de 2013. Não depende de hipóteses ou cenários mais ou menos gravosos e mais ou menos prováveis. As outras provas correspondem ao Stress Test e visam projectar a situação de partida dos bancos (reportada a 31 de Dezembro de 2013) para os anos de 2014, 2015 e 2016 de acordo com dois cenários alternativos, onde se prevêem evoluções de variáveis macroeconómicas e de mercado: uma, correspondente às estimativas actuais, que assumem uma recuperação gradual da actividade económica, dito cenário base; outra, onde se pretende avaliar a capacidade dos bancos para absorver choques em situação de crise severa, designado por cenário adverso. Este último tem como objectivo forçar os

bancos a deterem uma almofada de capital que lhes permita enfrentar esses possíveis períodos de crise. O não cumprimento dos requisitos mínimos de Capital, seja no AQR, seja no Stress Test/Cenário base, pode merecer a designação de “chumbo”, porque não se obedece a regulamentos em vigor. Mas, quando tal acontece no Stress Test/Ce-

“**O não cumprimento dos requisitos mínimos de Capital, seja no AQR, seja no Stress Test/Cenário base, pode merecer a designação de “chumbo”. Mas, quando tal acontece no cenário adverso, a denominação parece-me excessiva e, de certo modo, incorrecta”.**

O próprio sector bancário é o primeiríssimo interessado em que novos casos deploráveis, que põem em causa a imagem do sector e têm custos elevadíssimos, não se repitam.

nário Adverso, que é um exercício necessariamente especulativo (e, em face da evolução recente, improvável), a denominação parece-me excessiva e, de certo modo, incorrecta. O que o BCE e a EBA pretendem é o reforço da confiança, da robustez dos bancos e da estabilidade financeira. A exigência de uma almofada de capital para fazer face a situações de crise graves, a realizar num período estabelecido, visa esse objectivo. Assim, o défice de fundos próprios determinado em função do Stress Test/Cenário Adverso, tem fundamentalmente o valor de uma “recomendação compulsória” ou “exigência cautelar”.

Todo o foco das autoridades tem estado em que os bancos reforcem incessantemente capital. Mas mais capital também representa mais custos, menos rentabilidade e menos condições de conceder crédito. Considera que, actualmente, o lado do capital está a ter mais peso do que devia?

É uma questão de calibragem. Todas as medidas regulatórias e de supervisão em curso visam um sistema mais resiliente, fiável e confiável. E a mais relevante situar-se-á ao nível da capitalização dos bancos. Mas é muito importante avaliar o impacto de cada medida regulatória e do conjunto das medidas em curso, nomeadamente os efeitos sobre a economia e, designadamente, sobre a capacidade dos bancos de satisfazerem as necessidades de financiamento e em condições de preço razoável. Há que ser coerente e consistente com os objectivos principais que se visam – e o primeiro, é o crescimento e o emprego, o desenvol-

vimento económico e social. Por isso, todas as medidas devem ser avaliadas nos seus impactos e implicações e ser devidamente calibradas, tomando em conta os seus custos/benefício e as repercussões na economia e na sociedade. A crise financeira impeliu alguns exageros de regulação, que devem ser repensados.

Daqui a uma semana, o BCE passa formalmente a supervisionar a banca nacional. Acredita que o nosso sistema está preparado para um escrutínio externo?

Os resultados do AQR e do Stress Test são a melhor evidência de que os bancos portugueses estão preparados. Foi enorme o esforço realizado pelo sector bancário durante estes anos de crise, para enfrentar tantos problemas, novas exigências regulatórias e desvantagens competitivas, e garantir a estabilidade financeira. Mas os bancos vão, seguramente, continuar o trabalho para aumento da sua robustez, modernidade e fiabilidade e reforço do governo dos bancos, das boas práticas e do comportamento ético.

Depois do “furacão” que foi todo o caso BES, acredita que estes testes de stress ajudam a tranquilizar os clientes quanto à situação da banca nacional?

O próprio sector bancário é o primeiríssimo interessado em que novos casos deploráveis, que põem em causa a imagem do sector e têm custos elevadíssimos, não se repitam. A confiança é o factor chave do funcionamento da banca. Creio que este exercício do Comprehensive Assessment veio em boa hora e o resultado bastante positivo dos bancos portugueses deve ser elemento tranquilizador. ■

“Os resultados do AQR e do Stress Test são a melhor evidência de que os bancos portugueses estão preparados” para a supervisão do BCE, diz Faria de Oliveira.





ID: 56378729

29-10-2014

ENTREVISTA FERNANDO FARIA DE OLIVEIRA

“Crise financeira gerou alguns excessos de regulação que devem ser repensados”

Presidente da Associação Portuguesa de Bancos considera que a banca nacional teve bom comportamento nos testes de stress e que tal pode ser útil para contrariar a má imagem dada pelo “deplorável” caso da queda do BES. — P30



ID: 56378729

29-10-2014

Paula Nunes

